

Editorial

A expectativa em relação ao futuro do ensino e da prática artística em terreno universitário apresenta-se como pano de fundo na constituição desta edição de nosso periódico. Com o intuito de avançar nos estudos e contribuir para um efetivo aprofundamento de questões ligadas ao fazer artístico, reunimos aqui colaborações distribuídas em quatro seções. A primeira delas vincula-se justamente ao conhecimento específico da área, tratando de temas ligados à história e à realização das artes cênicas: corpo, dramaturgia e estética. A segunda seção estabelece a percepção dos possíveis encontros, ou seja, a zona de fronteira de toda manifestação cênica, possibilitando a interação de diversas formas de arte. É o que permite entender a produção artística que vem se dando mundialmente nos últimos cento e cinquenta anos. Cena e Formação é o título da seção seguinte, cujas exposições dissertam sobre as variadas práticas que resultam no aparecimento de artistas e criadores que habitam o mundo. Por fim, a última seção é um meio de ampliar o acesso a pensamentos e práticas singulares que se dão no estrangeiro.

Georges Banu, da Université Sorbonne Nouvelle Paris 3 trata do tempo na cena teatral, constatando desde a opção inicial pela restituição da distância temporal histórica percebida na dramaturgia clássica, trazida à tona no Renascimento, assim como a prática contemporânea a que o autor chama duração mista, ou seja, a alternância e sobreposição do tempo. Por sua vez, em tempos de polêmica e contestação sobre o papel social da mulher e visando contrapor-se ao que chama de imagem sublime que domina o imaginário do público em se tratando do corpo feminino, a pesquisadora Daniele Pimenta, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), nos propõe a comicidade feminina como tema de discussão. Em se tratando do assunto, num tempo de risos e lágrimas, a autora nos propõe pensar sobre o riso a partir do corpo da mulher.

Em sua colaboração, Luis Marcio Arnaut (ECA-USP) busca fazer ver um possível contexto social na obra de Tennessee Williams. Contribuí, assim, para uma diferente percepção do trabalho desse dramaturgo, por vezes restrito a abordagem de questões psicológicas dos personagens. Dramaturgia também é o tema da contribuição de Gessé Almeida Araújo, da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). Com aproximações entre as peças teatrais escritas por Plínio Marcos e as propostas estéticas

de Antonin Artaud, o autor evoca a história e o pensamento nos termos da poética e da rebeldia como bases para uma possível prática da arte do ator e da escrita cênica.

A segunda seção, Diálogos e Fronteiras, se inicia com o texto de Mário Fernando Bolognesi (UNESP), que expõe sobre aproximações entre o teatro e o circo a partir de pressupostos da dita teatralidade do circo tradicional e da performatividade que, embora já estivesse antes, contemporaneamente se perfaz como forte característica das atividades circenses. Já a proposta da pesquisadora Maristela Müller, da UDESC, tematiza algo que compõe e transita as mais variadas manifestações no campo das humanidades. Sua reflexão tem o corpo como elemento-chave, versando sobre o ensino das Artes Visuais. Finalizando a seção, Eliana Rosa Correia (SENAC-SP) propõe um olhar sobre uma das obras cinematográficas de Federico Fellini, perfazendo a percepção social da figura clownesca.

Cena e Formação é o título da seção em que os temas relacionados a procedimentos que contribuem para o desenvolvimento do espírito criador, seja pela estimulação prática ou pela reflexão. Em conjunto, Gilberto Icle (UFRGS) e Guilherme Bruno de Lima (UNB) tratam do uso da voz como instância poética no exercício clownesco. A partir de referências compatíveis em termos teóricos e práticos, os autores apontam a vocalidade como forte instrumento na constituição do palhaço, um tipo bastante propalado no trabalho de preparação de atores nos dias de hoje. Se no artigo anterior foi tratado da voz como instrumento poético na prática clownesca, em sua contribuição Ana Elvira Wuo, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), segue a rota e expõe justamente o exercício do clown como rito de passagem. Ao ver a comicidade como possível terreno a ser habitado e não apenas como trecho de passagem, a autora emancipa o entendimento para o termo, tido aqui como algo acima de mero divertimento social.

A estudiosa Rosyane Trotta (UNIRIO) versa sobre a relação entre o meio acadêmico e a periferia social, fazendo ver a presença do conhecimento em iniciativas teatrais levadas a efeito por uma universidade em espaços socialmente marginalizados. Trata-se do que ela denomina epistemologia decolonial, passível de se tornar uma prática estratégica nesses tempos em que dificuldades múltiplas se instauram no exercício artístico e acadêmico.

A seção Documento finaliza esta nossa edição com a tradução do texto de autoria de Timmy De Laet, da Universidade de Antuérpia (Bélgica). Com base no termo *re-enactment*, originalmente entendido como refazimento de determinado ato histórico

visando a sua compreensão, De Laet o transpõe para o ato coreográfico na reconstrução de obras e história da dança. Trata-se de uma reflexão de grande importância no âmbito das artes do corpo.

Conhecimento, diálogo e investigação compõem a razão que se põe como norte na manutenção deste periódico. A percepção da importância que tem a prática e o ensino das artes no campo universitário é basicamente o que nos move e nos faz permanecer na expectativa de novos e melhores tempos.

José Tonezzi
Editor